

Formatos e mídias na construção da discografia de Waldir Azevedo

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MÚSICA POPULAR

Leonardo Bodstein Benon

PPG Música em Contexto, Universidade de Brasília – leobenon@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma organização da discografia do cavaquinista Waldir Azevedo, cruzando os dados fonográficos com dados coletados em pesquisas sobre as tecnologias de gravações no Brasil. Espera-se assim contextualizar sua produção fonográfica com os recursos de gravação possíveis no tempo cronológico compreendido entre 1949 e 1980. Separando por períodos foi possível compreender as dificuldades e possibilidades que cada tecnologia de gravação oferecia.

Palavras-chave: Discografia. Waldir Azevedo. Choro. Cavaquinho.

Formats and Media in the Construction of the Discography of Waldir Azevedo

Abstract: This work aims at an organization of the discography of the cavaquinho player Waldir Azevedo, crossing the phonographic data with data collected in researches on the technologies of recordings in Brazil. It is hoped to contextualize his phonographic production with the possible recording resources in chronological time between 1949 and 1980. Separating for periods it was possible to understand the difficulties and possibilities that each recording technology offered.

Keywords: Discography. Waldir Azevedo. Choro. Cavaquinho.

Waldir Azevedo pode ser considerado um dos ícones do Choro, e principal representante do cavaquinho enquanto instrumento solista. Sua produção fonográfica, realizada entre 1949 e 1978, estabeleceu e consolidou um repertório para o cavaquinho solista. Seus discos obtiveram grandes números de vendagem, atingindo sucesso nacional e internacional, tendo suas composições gravadas por Dinah Shore, Percy Faith and his Orchestra, Chet Atkins, Boston Pops Orchestra, Stan Kenton dentre muitos outros. No Brasil sua trajetória ajudou a definir a identidade do cavaquinho brasileiro no século XX.

Entre os instrumentistas que desenvolveram a arte de compor e solar no cavaquinho destacamos Waldir Azevedo que explorou as potencialidades e facilidades sonoras do instrumento, desenvolvendo uma técnica que ficou como herança para todos nós cavaquinistas. Com suas composições, o cavaquinho ganhou popularidade e definitivamente assumiu um patamar de instrumento solista. Seu trabalho é determinante na atual prática do cavaquinho brasileiro.(ARRAES, 2015, p.110).

Este trabalho tem como objetivo relacionar a discografia de Waldir Azevedo às tecnologias de gravação durante seu período de atividade. Com isso espera-se alcançar um panorama cronológico que contextualize também sua produção artística. A metodologia utilizada foi a coleta e análise de dados dos fonogramas e sobre os mesmos. Para tanto, foi necessária a catalogação de todos os fonogramas lançados, organizá-los em ordem cronológica e identificar os diferentes tipos de mídias. A análise destes fonogramas foi realizada através da busca de literatura que abordasse a vida e obra de Waldir Azevedo, além de pesquisas que tratassem os métodos e história das gravações sonoras no Brasil. Sobre Waldir Azevedo, foi adotada como

referência a biografia escrita por BERNARDO (2004), sobre as tecnologias de gravação relacionadas à forma de tocar choro, as dissertações de PESSOA (2012) e CARNEIRO (2015), além da dissertação sobre tradições e inovações no cavaquinho brasileiro de ARRAES (2015). Este trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado em andamento.

As gravações fonográficas do gênero Choro podem ser organizadas em três períodos de acordo com Pessoa (2012): gravação mecânica, gravação elétrica e gravação em canais.

As primeiras gravações, nas quais os grupos de choro geralmente aparecem só com um violão e um cavaquinho acompanhando o solista, já mostram a concepção dessa linguagem. Essa fase de gravação, ainda em tecnologia mecânica, relaciona-se a necessidades e limitações de recursos técnicos que marcam também a própria prática musical. As gravações, além de serem feitas “ao vivo”, ou seja, com todos tocando juntos, eram feitas em poucas tomadas, pois os cilindros eram preciosos e não podiam ser desperdiçados. Esse corresponde a um primeiro momento das gravações dos grupos de choro e da concepção desse modo de acompanhamento, que vai se destacar nas gravações, principalmente entre 1907 a 1915.[...]Quando surge a gravação elétrica e a rádio se desenvolve no país, devido a circunstâncias políticas e sociais, o choro, assim como o samba, se torna elemento de identidade nacional. Nessa época, como era necessário um grande número de artistas para preencher as programações ainda incipientes das rádios, surge a necessidade de uma mão de obra rápida, mais barata que a orquestra e que pudesse improvisar e acompanhar artistas na hora, sem ensaios. Surgem, assim, os Regionais, um modelo de grupo que fundamentou a dinâmica programação das rádios. Na Era do Rádio, assim chamado o período de 1930 a 1945, caracterizado pela sonoridade dos regionais, um novo modelo de acompanhamento nos violões passa a ser estabelecido (PESSOA, 2012, p.10).

A partir da década de 1920, as gravações elétricas dominaram o mercado. O formato do disco também mudou, o disco de 78 rpm se tornou o formato padrão e no Brasil foi utilizado até o início da década de 1960.

Seu primeiro registro fonográfico foi lançado em fevereiro de 1943 como integrante do conjunto Águias de Prata, onde cantava e tocava violão tenor, fazendo parte da programação da Rádio Cruzeiro do Sul e do Cassino Copacabana. Multi-instrumentista, começou tocando flauta na infância e acumulou experiência em vários instrumentos de cordas dedilhadas, como o violão, o bandolim, o banjo, o violão tenor e o cavaquinho. Atuou no regional de César Moreno nas rádios Guanabara e Mayrink Veiga. Em 1945 foi aprovado numa audição para preencher a vaga de cavaquinista do regional do violonista Dilermando Reis, que atuava na Rádio Clube. Após 6 meses, Dilermando se transferiu para a Rádio Nacional passando o comando do regional ao Guri do Cavaco (codinome de Waldir Azevedo). Em 1949, teve a oportunidade de gravar seu primeiro disco como solista de cavaquinho.

O que levou Waldir a fazer tanto sucesso foi uma junção de fatores: talento, técnica, criatividade, pioneirismo e inovação; aliados a um meio social propício, num momento favorável e sorte. O auge dos Regionais nas rádios deixou em evidência todos os que deles faziam parte e Waldir estava lá. A evolução das técnicas de gravação proporcionou discos de melhor qualidade sonora, que certamente corroboraram para o sucesso de Waldir Azevedo. No entanto, todos esses fatores, talvez, não teriam surtido efeito se Waldir não estivesse no lugar certo, na hora certa, fazendo a coisa certa (ARRAES, 2015, p.96).

Atuou como solista de cavaquinho até o fim de sua vida, em 20 de setembro de 1980. Foi o compositor brasileiro de música instrumental que mais fez sucesso com suas composições no exterior. Seu baião *Delicado*, lançado em dezembro de 1950 logrou estrondoso sucesso pelo mundo, garantindo prestígio e notoriedade internacional, divulgando amplamente a música popular brasileira e o cavaquinho, inclusive, autenticando e consolidando o cavaquinho também como instrumento solista. Sua técnica era tão apurada, e sua sonoridade tão especial, que foi elevado ao patamar de concertista de cavaquinho.

A discografia de Waldir Azevedo passou por vários tipos de mídias, pelos discos de 78 rpm (com 1 música em cada lado), compactos (com até 2 músicas em cada lado), LPs de 10" (com 4 músicas em cada lado) e LPs de 12" (com 6 músicas em cada lado). Como instrumentista principal, lançou 41 discos de 78 rpm, 13 compactos, 1 LP de 10" e 25 LPs de 12" (vide Tabela 1), fora os discos com outros artistas, e compilações. Compôs 149 músicas e até hoje seus fonogramas são compilados em CDs e se encontram disponíveis em plataformas digitais.

78 rpm

Waldir Azevedo gravou em discos de 78 rpm, como solista de cavaquinho, pelo período compreendido entre 1949 e 1963. Seus maiores sucessos foram gravados neste espaço de tempo: *Carioquinha*; *Brasileirinho*; *Delicado*; *Vê se gostas*; *Pedacinhos do céu*; *Camondongo*; *Chiquita*; *Mágoas de um Cavaquinho*; *Luz e sombra*; *Amigos do samba*; *Você, carinho e amor* são músicas executadas nas rodas de choro até os dias de hoje, sendo as oito primeiras, as mais populares. Neste período em que os fonogramas de Waldir registrados em discos de 78 rpm se encontram, o acompanhamento pouco mudou. O regional era composto por Jorge Geraldo do Espírito Santo (Jorge Santos) e Francisco Sá (Chiquinho) aos violões, Moacyr Machado Gomes (o Risadinha do Pandeiro) ao pandeiro. Este conjunto trabalharia com Waldir por mais de 20 anos. Desde a gravação do primeiro disco, Waldir completou o grupo com um contrabaixo e três instrumentistas ocuparam esta vaga no período dos discos de 78 rpm: Silvio César (Tarzan), Gumercindo Gomes da Silva (Gugu) e Dalton Vogeler.

Alguns aspectos chamam atenção quanto à formação do regional de Waldir Azevedo. Dentre eles, o fato de a dupla de violões não ser constituída da tradicional dobradinha — violão de 7 cordas e violão — e sim de dois violões de seis cordas. Jorge Santos, criava um acompanhamento muito balanceado e, neste quesito, era muito original e conferia um suingue especial, principalmente nos sambas-choros. Por mais que os dois instrumentos possuíssem a mesma tessitura, não embolavam. Outro aspecto interessante foi a presença do contrabaixo, conferindo um peso no regional, reforçando a harmonia. Waldir Azevedo passou muitos anos sem um cavaquinho centro em seu regional. O cavaquinho centro e os violões fazem parte do acompanhamento tradicional do choro desde seu princípio, formando os conhecidos ternos de pau e cordas. A partir de 1956, Chiquinho do Acordeon se tornou figura constante nos fonogramas de Waldir, dividindo os solos e preenchendo a harmonia, preenchendo o espaço deixado pela falta do cavaquinho centro, se é que em algum momento esta falta era notada. Ainda no quesito acompanhamento, em algumas faixas Waldir é guarnecido por banda de sopros (como no caso de *Dobrado*, *embrulhado e amarrado*, *Pretenda* e *Quando Eu Danço Com Você* ou grupo de cordas friccionadas e piano (tal como no fonograma *Você*). Em registros fonográficos inusitados, Waldir interpretou ao lado de uma harpa, como na gravação de *Ave-Maria*, de Gounod/Bach; acompanhado de órgão, no fonograma *Ave-Maria* de Schubert; de trios vocais, como em *Madrigal*, acompanhado pelo Trio Madrigal;

interpretou também cantando como em *Já é demais* e *Cachopa no frevo*; e uma surpreendente façanha no fonograma *Pirilampo* “onde foram gravadas três vozes de cavaquinho, utilizando recursos de gravação em 33 1/3 e 78 rpm, que faziam com que o cavaquinho atingisse não só maior velocidade, mas inclusive uma tessitura mais aguda” (BERNARDO, 2004, p.67).

Norival Reis foi o engenheiro de som responsável pelas gravações e manipulações das gravações de Waldir. Foi o responsável pela criação da primeira gravação com câmara de eco do Brasil, que no caso era o banheiro da gravadora Continental, onde ele enviava através de uma caixa de som em tempo real, o que Waldir tocava no estúdio e gravava com um microfone pendurado ao teto, conseguindo a reverberação desejada de acordo com a altura deste microfone.

Essa experiência de Norival foi revolucionária não só no sentido de inaugurar o sistema de câmara de eco em gravações, como fez com que o disco contendo a gravação de *Delicado*, de Waldir, pudesse ser aproveitado no teste de vitrolas fabricadas pela Philips durante muito tempo, segundo um técnico dessa gravadora revelaria a Waldir anos mais tarde (BERNARDO, 2004, p.58).

Das 82 músicas gravadas por Waldir Azevedo em discos de 78 rpm, 45 são composições originais. Das músicas não autorais, cinco são de músicos integrantes de seu regional, 17 de compositores estrangeiros, uma de Dilermando Reis (que foi o fundador do regional e seu antigo solista), uma de Norival Reis e uma de Braguinha (respectivamente engenheiro de som e diretor artístico da Gravadora Continental) e as 13 restantes são clássicos do choro, samba, frevo e baião. Nos 11 primeiros discos de Waldir, somente duas músicas não eram composições de algum membro de seu regional: o choro *O que é que há* de Dilermando Reis registrado no lado B de seu segundo disco e o tango *Jalousie* de Jacob Gade registrado no lado A de seu sexto disco.

Compactos

Os 13 discos compactos de Waldir Azevedo foram lançados entre os anos de 1958 a 1971, sendo que um deles foi lançado em 1982, dois anos após sua morte. Estes discos compactos, foram sendo lançados desde os momentos finais da era dos 78 rpm até o auge da era dos LPs. Nesta categoria de mídia, eram gravadas até duas faixas em cada lado. Waldir gravou 44 músicas, sendo 24 autorais, e 20 interpretações de músicas de outros compositores. Como era uma nova categoria de mídia, a Gravadora Continental relançou compilações de antigos sucessos do período dos discos 78 rpm, dentre eles seus grandes sucessos autorais e os fonogramas de interpretações de músicas estrangeiras. Um disco se destaca dos demais pela singularidade do momento pelo qual passava Waldir Azevedo e sua família. Em janeiro de 1964, perdera uma das duas filhas. Neste processo doloroso, compôs algumas músicas em homenagem à filha, Mirian, que falecera aos 19 anos e as lançou em um Compacto chamado *Nós três e uma saudade* lançado no mesmo ano.

LPs

A era do Long Play no Brasil se deu entre 1951 e 1990. Waldir lançou seu primeiro LP, um de 10”, com 8 regravações de seus sucessos, em 1955. Os demais 25 LPs são todos de 12” e traziam 12 músicas. Além da mudança de mídia, as gravações também estavam mudando. Já era possível gravar em alta-fidelidade (tradução literal de High Fidelity, Hi-Fi) e por canais.

A gravação em alta-fidelidade foi lançada em 1948 juntamente com o formato Long Play (LP), suporte que trazia a novidade de microsulcos, o que permitiria a diminuição da rotação e, com isso, possibilitaria a fixação de maior quantidade de tempo/músicas por lado do LP. O novo disco de 33 rpm (rotações por minuto) é abordado pela indústria cultural, a partir da sua capacidade de fixação, como um novo modo de ouvir o som. (PESSOA, 2012, p.88).

Sobre as gravações de Waldir Azevedo em LPs, mais uma vez a Continental relançou compilações de sucessos de Waldir. Algumas destas músicas receberam regravações, com melhores captações e tratamentos analógicos. Waldir Azevedo possuía um contrato com a Continental que exigia no mínimo um disco por ano. Seu regional gravou a maioria deles, exceto o disco *Um cavaquinho no society*, de 1960, que foi gravado com acompanhamento de orquestra (dirigida por Renato de Oliveira), *Souvenir de carnaval*, de 1962, com bandinha e arranjos e regências de Severino Araújo e Guerra Peixe, *Dois bicudos não se beijam volume 1 e 2*, ambos de 1962, gravado com o multi-instrumentista Poly, *Waldir Azevedo*, de 1967, pelo selo London (EMI), com acompanhamento de orquestra com arranjos e regências de Orlando Silveira, *Waldir Azevedo*, de 1968, pelo selo London (EMI), acompanhado pelo Regional de Canhoto e mais uma constelação de instrumentistas, arranjado por Orlando Silveira, *Waldir Azevedo*, de 1970, acompanhado por Dino e Neco aos violões e Plínio ao ritmo, *Nosso encontro com Avena de Castro*, de 1973, acompanhado pelo regional de Avena, *Minhas mãos, meu cavaquinho*, de 1976, que abrigou em parte seu regional, *Waldir Azevedo*, de 1977 e *Lamento de um cavaquinho*, de 1978, ambos gravados por seu novo regional de Brasília, *Waldir Azevedo ao vivo* que foi um show em homenagem aos 30 anos de carreira de Waldir e possuiu várias formações de acompanhamento e participações especiais, inclusive com um registro de *Pedacinhos do céu* com mais de 20 minutos no lado B. Foram registradas 282 músicas no formato LP, 123 músicas autorais e 159 de outros compositores. Neste vasto repertório, encontramos choros, sambas-choros, sambas, baiões, frevos, tango, catete, músicas carnavalescas, guarânias, marchas, adaptações de músicas eruditas e internacionais em ritmos brasileiros, boleros, foxtrotes, rock, mambo, beguine, valsas, fantasias, fados, rumbas, baladas, cha-cha-chas, toada, arrasta-pé, twist e canções, conforme discriminado abaixo, na Tabela 2. O repertório na década de 1960 apresenta um grande número de interpretações de músicas estrangeiras. Em 1971, Waldir se aposentou e se mudou para Brasília, ficando um breve período longe dos palcos, porém, logo montou um novo regional formado por Eli do Cavaco, Carlinhos 7 Cordas, Hamilton Costa (um de seus maiores parceiros) ao violão e Pernambuco do Pandeiro, retornando à sua vida musical. Este regional acompanhou Waldir em seus 2 últimos discos de estúdio, em 1977 e 1978.

A Tabela 2 demonstra a pluralidade de gêneros abordados por Waldir em sua produção fonográfica como solista de cavaquinho. Enquanto muitos chorões, os mais puristas, possuíam uma discografia quase toda calcada no choro e em ritmos que se originaram no século XIX, Waldir se arriscou e ampliou os horizontes para o cavaquinho. Neste quesito, Waldir Azevedo se tornou exemplo para outros grandes instrumentistas e regionais de choro, ampliando a interpretação chorística, brasileira, a gêneros musicais estrangeiros, numa espécie de movimento antropofágico, tal qual era o choro, em seu princípio, na metade do século XIX, quando ainda não era um gênero, mas uma forma abasileirada dos chorões interpretarem as valsas, schottischs e polcas europeias.

Conclusão

Waldir Azevedo possui uma extensa discografia, passando pelos discos de 78 rpm, compactos e LPs. Registrou-os em gravações elétricas, gravações em rolos de fita magnética, gravações ao vivo e gravações por canais. Em mais ou menos meia dúzia de fonogramas, realizou montagens com alterações de rotação. Com ajuda de Norival Reis, criou uma identidade sonora com ajuda de reverberação, uma novidade para a época. Além de ser o responsável pela identidade sonora nos fonogramas de Waldir, Norival foi o responsável pela manipulação e alterações de velocidades realizadas em estúdio, gerando novas sonoridades e possibilidades para a produção fonográfica.

Ao estudar sua biografia e os tipos de tecnologias utilizados em cada período da discografia de Waldir, a contextualização de seus processos artísticos, composicionais e interpretativos se tornou mais aparente. Como músico profissional, se manteve atento às demandas de mercado. O fato de ter sido o chorão que mais sucesso fez no exterior, tanto como instrumentista, quanto como compositor, se relaciona também com a escolha de seu repertório. Transitou por vários gêneros musicais, sendo acompanhado por várias formações, desde o seu regional à orquestra, demonstrando as possibilidades do cavaquinho como instrumento solista, elevando-o a categoria de concertista, consagrando-o em escala internacional.

Constatou-se que já no período dos discos de 78 rpm, Waldir se consagrou como compositor, pois foi neste período que vieram seus maiores sucessos. Neste período, Waldir Azevedo utilizou um regional atípico com dois violões de seis cordas, pandeiro, contrabaixo e acordeon. O período dos Compactos durou entre o fim da era dos 78 rpm e o auge da era dos LP's. O princípio era dos LP's coincidiu com o período do declínio do choro, que duraria até meados da década de 1970. Foi neste período que encontramos o maior número de fonogramas com ritmos além do choro.

Waldir Azevedo viveu até a era dos discos de vinil de 12", porém sua obra permaneceu e constantemente tem sido atualizada para as recentes mídias digitais. De acordo com Bernardo (2012), até o ano de publicação de seu livro, em 2004, haviam sido lançados 16 CDs com seus fonogramas remasterizados. Hoje, está presente nas plataformas de streaming e vendas digitais como Spotify, Deezer, iTunes e Google Play, reforçando a importância e atemporalidade de sua obra.

Referências

- ARRAES, Luis Carlos Orione de Alencar. *Tradição e inovação no cavaquinho brasileiro*. Brasília, defesa em 2015. 116 f. Dissertação em musicologia. Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BERNARDO, Marco Antônio. *Waldir Azevedo: Um cavaquinho na história*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.
- CARNEIRO, Gabriel de Campos. *O choro de uma cítara – biografia micro-histórica do músico (Heitor) Avena de Castro*. Brasília, defesa em 2015. 153f. Dissertação em musicologia. Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- PESSOA, Felipe Ferreira de Paula. *Cuidado violão!: as transformações no acompanhamento dos violões nos conjuntos de choro*. Brasília, defesa em 2012. 105f. Dissertação em musicologia. Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- Discografia completa de Waldir Azevedo: fonoteca em mp3 com todos os fonogramas de Waldir Azevedo entre 1942 e 1980. Parte do acervo pessoal do pesquisador.

78 rpm	41
--------	----

Compactos	13
LPs	26

Tabela 1: Quantitativo de gravações em cada formato de mídia.

Gênero	A 78	B Compactos	C LP	Total	Gênero	A	B	C	T
Choro	25	10	93	128	Rock	0	0	2	2
Valsa-rancheira	0	0	1	1	Beguine	0	0	1	1
Samba	10	4	39	53	Valsa	4	3	13	20
Baião	11	2	24	37	Fantasia	0	0	3	3
Frevo	2	0	3	5	Fado	0	0	1	1
Catete	1	0	1	2	Rumba	1	2	3	6
Corrido	0	1	0	1	Balada	2	3	3	8
Guarânia	0	1	4	5	Cha-cha-cha	0	0	3	3
Marcha	1	1	22	24	Toada	0	0	3	3
Adaptação de músicas eruditas	2	2	1	5	Arrasta-pé	0	0	1	1
Adaptação de internacionais em ritmos brasileiros	0	0	2	2	Twist	0	0	2	2
Bolero	0	0	6	6	Canção	0	0	2	2
Foxtrote	4	2	13	19	Mambo	1	0	1	2
Czarda	1	0	0	1	Tango	1	0	0	1
Choro-canção	3	2	6	11	Sem indicação de gênero	3	7	12	22
Samba partido-alto	0	1	1	2	Balanceado	1	0	1	2
Valsa-prelúdio	0	1	0	1	Marcha-rancho	0	0	1	1
Baião-frevo	0	0	1	1	Samba-prelúdio	0	0	1	0
Choro dolente	0	0	2	2	Valsa-choro	0	0	1	0
Choro lento	0	0	1	1	Tarantela	1	0	0	1

Tabela 2: Quantitativo por gênero gravado. As colunas A representam os discos 78 rpm, B os compactos, C os LPs e T o número total de ocorrências.